

REPENSANDO O PAPEL DO PROFESSOR DE INGLÊS A PARTIR DA INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Paulo Roberto Boa Sorte SILVA
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
Pós-Graduação em Linguística Aplicada
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de discutir teoricamente as mudanças pelas quais passa o campo educacional e mais especificamente o ensino de língua inglesa, a partir da inserção das novas tecnologias da informação e comunicação em sala de aula. Há muito deixou de ser novidade afirmar que a formação tecnológica do professor faz-se necessária e urgente. É a partir do letramento digital, que o professor terá condições de cumprir o papel da escola – o de inovar. Com essas mudanças, surge a necessidade de formação continuada dos professores e demais pessoas envolvidas no processo educativo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como fundamentação teórica Ligouri (1997), Almeida (2004), Fryer (2004), Warschauer (2004), Lopes (2005), Paiva (2006) e Rojo (2009). Percebe-se, a partir desse estudo, que as funções do professor vêm sendo alteradas e, com elas, a necessidade de lançar um novo olhar sobre as práticas de sala de aula. São discutidas as novas e diferentes atribuições que o professor adquiriu, a reconfiguração das suas atividades e dos seus papéis a partir das exigências feitas pela sociedade da informação.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores de Inglês; tecnologias; perspectivas

ABSTRACT: *This paper aims at discussing the changes undergone in the educational field, especially in English language teaching, from the insertion of information and communication technologies (ICT) into the classroom. It is not big news that teacher education is necessary and urgent, when it comes to technology. It is from digital literacy that the teacher will be able to help school to play its role - innovating. Together with those changes, there is the need for in-service teacher education as well as the education of the other people involved in that process. This is a bibliographic research, which has as its theoretical bases Ligouri (1997), Almeida (2004), Fryer (2004), Warschauer (2004), Lopes (2005), Paiva (2006) and Rojo (2009). From this study, it is clear that the teacher's functions have been changed and, along with them, it comes the need to look at classroom practices from a new perspective. We discuss the new and different roles that teachers have acquired, the reconfiguration of their activities and their roles, considered from the demands made by the information society.*

KEYWORDS: *English teacher education; technologies; perspectives*

Este trabalho é resultado das leituras e discussões desenvolvidas na disciplina "Linguística Aplicada II: formação tecnológica e materiais para ambientes mediados por computador", ministrada pela professora Dr^a Rosinda de Castro Guerra Ramos, no Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A escolha pelo tema que trata do professor de inglês e a sua relação com as novas tecnologias é justificada pelas constantes transformações pelas quais passa o campo educacional e o ensino de línguas a partir da inserção das novas tecnologias da informação e comunicação. Com isso, surge a necessidade de formação continuada dos professores e demais pessoas envolvidas no processo educativo.

O objetivo deste trabalho é discutir, a partir de autores como Ligouri (1997), Almeida (2004), Fryer (2004), Warschauer (2004), Lopes (2005), Paiva (2006) e Rojo (2009), quais foram essas mudanças para, a partir delas, verificar os desafios e as perspectivas que enfrentam os professores e a sua formação. Percebe-se, com essa análise, que as funções do professor vêm sendo alteradas e, com elas, a necessidade de lançar um novo olhar nas práticas de sala de aula.

Início pela chegada das tecnologias na educação. Quando falamos em tecnologias, logo nos lembramos do computador. Em muitos casos, esquecemos que, antes dessa máquina ser criada, sempre tivemos à disposição as mais variadas ferramentas tecnológicas para facilitar o nosso dia a dia – a exemplo da lousa, o livro didático e o giz, presentes há, pelo menos, um século no campo educacional.

A inserção de tecnologias nas escolas, no entanto, não costuma acontecer de forma tranquila. Ao fazer uma retrospectiva histórica acerca do uso das tecnologias no ensino de línguas estrangeiras, Paiva (2006) enfatiza que essas ferramentas sempre sofreram resistências ao serem incorporadas em sala de aula. Antes do seu uso tornar-se algo comum (como acontece hoje com o uso da lousa, por exemplo), rejeita-se e age-se com certa desconfiança. É o que pode ser observado com a chegada dos computadores às escolas.

Muitas inovações tecnológicas não foram criadas único e exclusivamente para a escola. O que acontece é a transposição de ferramentas de um lugar para outro. Nesse caso, a incorporação de tecnologias justifica-se pelo fato de se observar a necessidade de melhorar a qualidade do ensino. Ligouri (1997) explica que esses meios são originados, na maioria dos casos, de empresas e da área militar. Trata-se de uma prática inevitável, já que a escola recebe influências do que acontece na sociedade. Entretanto, para que as ferramentas tecnológicas sejam inseridas nesse meio, é necessário muito mais do que a simples introdução de computadores e lousas eletrônicas (*smart boards*) em laboratórios de informática. Para a autora, o que deve ser observado é se professores e funcionários estão recebendo formação para lidar com essas máquinas:

A solução não consiste, unicamente, em dispor de um técnico medianamente capacitado encarregado do laboratório de informática e de dar aulas de computação, mas na capacitação de todo o pessoal escolar. Do contrário, como pode se ensinar aos alunos e às alunas a valorizar os aportes das novas tecnologias da informação (NTI) ou promover a utilização dos computadores como meios facilitadores do processamento, armazenamento e transmissão da informação, se o pessoal docente e não docente da escola continua executando os registros e arquivos técnico-pedagógicos e administrativos de forma manual? (LIGOURI, 1997:84)

A fim de suprir essa necessidade, é importante observar que há mais de 12 anos, no Brasil, já existem programas de capacitação na área de informática, como é o caso do Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo). Entretanto, seria necessário verificar como esses cursos estão sendo ministrados, se há participação efetiva de professores e demais envolvidos no processo educacional e se a capacitação está sendo suficiente para que o computador seja, de fato, introduzido nas práticas de sala de aula. Isso quer dizer que o professor precisa não somente de máquinas, ferramentas e cursos de capacitação, é necessário estar ciente dos seus objetivos de ensino e da análise das necessidades dos seus alunos com relação à disciplina que ministra. Como lembra Ligouri (1997), "para obter efeitos **com** as tecnologias não fazem falta apenas computadores e programas" (p.91, grifo da autora), entra em discussão o papel do professor e as questões culturais que emergem em sala de aula.

O fato é que o aperfeiçoamento da tecnologia acontece de forma muito rápida e o professor precisa se esforçar para acompanhá-la. Nesse caso, ênfase, principalmente, com relação ao uso do computador e da internet. Em 2004, Warschauer discutiu dez mudanças que marcariam, dali para frente, o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação. Dentre elas, estava a saída da aprendizagem mediada por computador dos laboratórios de informática para as salas de aula, quando as escolas teriam pontos de acesso de Internet sem fio. No Brasil, esse fato já pode ser confirmado, até o momento, em escolas da rede pública federal, especialmente nos colégios de aplicação das universidades federais, que oferecem um computador para cada aluno. Os professores estão fazendo cursos de qualificação para lidar com o sistema operacional que está instalado nesses computadores.

Apesar das rápidas mudanças e de um acesso mais facilitado a essas máquinas, ainda pode ser notada a resistência que muitos professores têm acerca do uso do computador em suas aulas, Bax (2003, p.24-25 *apud* PAIVA, 2006, p.11) sugere a existência de fases ou estágios pelas quais os professores passam até que se acostumem ou "normalizem" a sua prática de ensino com o uso do computador, são elas:

No primeiro estágio aparecem os primeiros adeptos e alguns poucos professores e escolas adotam a tecnologia por curiosidade. No segundo, a maioria das pessoas ignora a tecnologia ou demonstra ceticismo. No terceiro, as pessoas experimentam a tecnologia, mas rejeitam o novo frente aos primeiros obstáculos. No quarto, tentam outra vez porque alguém os convence que a tecnologia funciona e aí conseguem ver vantagens relativas. No estágio cinco, mais pessoas começam a usar a nova ferramenta, mas ainda existe medo ou expectativas exageradas. No seis, a tecnologia passa a ser vista como algo normal e, no sétimo, integra-se em nossas vidas e se torna invisível, normalizada.

Trata-se de um longo processo que começa com estranhamento. Em muitos casos, o que pode explicar a resistência do professor é o fato de muitos dos seus alunos já

dominarem essas máquinas e as acessarem diariamente em casa ou em *lan¹ houses*. Nesse sentido, um dos obstáculos a serem enfrentados será entender que a ferramenta em si não é o grande desafio, mas o uso que se faz dela, ou seja, perceber que existem diferenças entre usar salas de bate-papo (*chats*) e páginas de relacionamento para fins educacionais e para outros fins – a fase de normalização proporcionará essa visão ao professor. De acordo com Paiva (2006), o computador já atingiu essa normalização nos serviços bancários, pois ela acredita que "ninguém mais se lembra de que os terminais eletrônicos são, na verdade, computadores". (PAIVA, 2006, p.11). No entanto, essa normalização leva muito mais tempo para acontecer no campo educacional, pois o uso do computador, na sala de aula, vai muito além da realização de atividades mecânicas como o saque de dinheiro e a conferência de saldos e extratos em terminais bancários.

A chegada de computadores à escola faz com que o professor tenha novas e diferentes atribuições. Fala-se em um novo profissional, na reconfiguração das suas atividades e dos seus papéis a partir das exigências feitas pela sociedade da informação. Lopes (2005) analisa como as tecnologias digitais podem provocar alterações nas ações desse professor. Passo a discuti-las.

O argumento utilizado pela autora para sustentar a ideia do novo professor é o de que ele deixa de ser mero transmissor de conhecimentos, os alunos, meros receptores e as tecnologias, ferramentas auxiliares na aprendizagem. Para a autora, a própria internet possui características que ajudam a entender a maneira pela qual a constituição desse novo professor acontece. Para tanto, ela utiliza a metáfora do professor como interface ativa que, por sua vez, gera duas outras metáforas; do professor como um *link* e do professor como promotor de sensibilidades. Sem esses desafios, as tecnologias não serão utilizadas de maneira adequada.

A primeira metáfora – do professor como interface² ativa – sugere a simplicidade como o ponto de partida para a obtenção de um trabalho eficiente. Trata-se da maneira pela qual o professor direciona os caminhos que os seus alunos deverão seguir, tornando a aprendizagem mais clara, simples e objetiva, pois ele não é alguém "que existe no processo como o complicador que impõe obstáculos ao aluno, mas sim alguém que simplifica a caminhada, indica caminhos, expandindo as possibilidades de aprender. Auxilia o aluno a percorrer os mais variados tipos de caminhos para construção do conhecimento". (LOPES, 2005, p. 41). O profissional com esse perfil, caracterizado pela autora como alguém "competente", vai reconhecer também que o seu próprio caminho é complexo e está em constante transformação. Por essa razão, necessita de reexames e constante busca pela qualificação.

Com relação à segunda metáfora – o professor como *link*³ – há um reforço da ideia de que o professor não é mero transmissor de informações, mas deve fazer da sala de aula

1 Abreviação de *Local Area Network*

2 Para a autora, podemos considerar interface como "qualquer tecnologia digital que nos permita a interação de forma mais transparente possível." (LOPES, 2005, p. 40)

3 A opção pelo termo explica o fato de que o *link* "é um elemento da interface que estabelece elos e vínculos de um espaço-informação como vários outros e vice-versa." (LOPES, 2005, p.45).

um espaço onde seja oferecido ao aluno o maior número de oportunidades e caminhos que levem à aprendizagem. Como um organizador desse ambiente de múltiplas direções, ele vai mostrar ao aprendiz que o saber é incompleto e não há pontos de chegada. Assim como um *link* em uma página na internet tem a função de aprofundar determinadas informações e evitar a superficialidade, o professor vai buscar estabelecer essa relação com o aluno e ambos experimentarão novas descobertas:

As tecnologias digitais já nos ensinaram, mesmo antes da era das redes, que na tarefa de construir conhecimentos não existe um ponto final. Poderíamos completar afirmando: a cada novo *link*, novas conexões, novas auto-organizações, novos imprevistos, novas adaptações, novas aprendizagens. (LOPES, 2005, p. 47)

O que significa circular por terrenos ainda não explorados ou desconhecidos, lidando com a imprevisibilidade, com as contradições e descobertas. É por essa razão que a autora descarta a possibilidade de práticas tradicionais pautadas na mera transmissão de informações aos alunos. A exigência, nesse sentido, é de que o professor seja constante pesquisador, aquele que busca, constrói e reconstrói significados a partir do contato com espaços ainda não explorados.

A terceira e última metáfora criada para caracterizar o novo professor é a do promotor de sensibilidades, isto é, considerar a aprendizagem de forma holística, levando em conta, além da razão, os sentimentos e as emoções como partes integrantes do ato de ensinar e aprender. As aulas passam a ser um espaço em que as sensibilidades precisam ser provocadas:

provocar sensibilidades pressupõe seduzir o aluno e criar e/ou oferecer ambientes de aprendizagem coletiva que apresentem o maior número possível de possibilidades para o aluno escolher seu caminho, configurar suas trilhas e reconhecer-se como alguém inteligente e capaz. Para isso o professor deve abandonar a figura do sábio e adotar a figura de um representante da coletividade aprendente. (LOPES, 2005, p. 50-51).

Essa postura implica em mudanças na escola como um todo e não apenas na sala de aula. Para que a aprendizagem seja prazerosa, é necessário que a escola seja um espaço prazeroso, onde o aluno se sinta à vontade para explorar os caminhos oferecidos pelo professor, reconhecendo o prazer "como elemento dinamizador do conhecimento" (LOPES, 2005, p.52). Dessa forma, deixa-se de enxergar a turma como um grupo uniforme que deve sempre reproduzir resultados semelhantes, padronizados e controlados – lógica imposta pela organização industrial.

Na Educação a Distância (EaD), as mudanças no papel do professor são ainda mais evidentes e fáceis de serem percebidas. A ideia de comparecer às aulas sem a presença física não é algo mais tão distante da realidade e, com a chegada dos tutores, reforça o fato de que o professor deixa de ser o centro das atenções e o detentor do saber. Em artigo

acerca dos desafios do educador no ambiente virtual, Almeida (2004) afirma que, por meio da linguagem, o verdadeiro impulso é dado no andamento dos trabalhos. É nela que acontece a aproximação com a educação presencial, que o professor vai "despertar sentimentos de pertencimento", pois a usa "para representar o pensamento, comunicar algo, dialogar, enfim, a linguagem é também mensageira de informações sobre o objeto de estudos em foco" (ALMEIDA, 2004, p. 4). Utilizo a EaD como exemplo, a fim de reforçar a ideia de que o professor, na atualidade, tem o desafio de se atualizar e de estar atento às mudanças que a sociedade da informação impõe.

O que está evidente na discussão empreendida aqui é a necessidade – e não uma sugestão – de que os professores sejam letrados⁴ digitalmente. De acordo com Fryer (2004), o letramento digital

é uma necessidade e **não** uma opção. É uma habilidade da qual muitos, e não necessariamente apenas alguns necessitam. Não pode e não deve ser reservado apenas aos jovens, quem aparentemente "não se amedrontam" quando o assunto é tecnologia. Tanto os imigrantes digitais (a geração mais antiga) quando os nativos digitais devem aprender, praticar e continuamente esforçar-se para melhorar as suas habilidades em letramento digital. Se a internet representa a fronteira digital, nós somos os pioneiros e os desafios que nós encontraremos em nossa "empreitada virtual" tendem a ser numerosos tanto quanto imprevisíveis. Nós precisamos estar preparados. (FRYER, 2004, p.1, grifos do autor, tradução minha).

Ao explicar o conceito de letramento digital, Fryer (2004) lembra que, hoje em dia, não mais recorreremos a uma biblioteca quando queremos descobrir a resposta para uma pergunta. A internet é o lugar. Da mesma forma, a comunicação no dia a dia tem se tornado cada vez mais frequente por meio de mensagens de texto no telefone celular, *e-mails* e *chats*. A necessidade do letramento digital é, portanto, indispensável, uma necessidade real para a qual os professores devem estar preparados em suas salas de aula ou a escola deixará de fazer o seu papel principal – o de inovar.

Como palavras finais desta discussão, reforço que este trabalho teve o objetivo principal de discutir as mudanças, desafios e perspectivas no que se refere ao papel do professor com a introdução das novas tecnologias da informação e comunicação na educação. Há muito deixou de ser novidade afirmar que a formação tecnológica do professor faz-se necessária e urgente. É a partir do letramento digital, que o professor terá condições de cumprir o papel da escola – o de inovar.

4 Rojo (2009) faz uma distinção entre alfabetismo e letramento. Segundo a autora, "o termo **alfabetismo** tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo **letramento** busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvam a escrita de uma ou outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural." (ROJO, 2009, p.98, grifos da autora)

Por meio da discussão aqui realizada, ficou claro que se faz necessário oferecer cursos de formação continuada em que os professores realmente se tornem letrados digitais. A forma como esses cursos é ministrada precisa ser avaliada bem como o trabalho do professor em sala. Muitas instituições privadas já dão conta de avaliar os seus professores e a qualidade do seu trabalho. Entretanto, é necessário que a escola pública, interesse maior de todos, seja assistida nesse sentido. Levantar verbas e oferecer cursos de capacitação não são o suficiente. Deve-se, principalmente cuidar da qualidade desses cursos e avaliar a sua eficácia.

Cabe também ao professor interessar-se pela formação tecnológica, buscar compreender as particularidades, ferramentas e programas oferecidos pelas novas tecnologias da informação e comunicação. Só assim, poderemos ter professores realmente interessados em ser letrados e em letrarem os seus alunos, do ponto de vista da tecnologia e, de forma mais ampla, dos usos e práticas sociais da linguagem.

Referências

ALMEIDA, M. E. B. O educador no ambiente virtual: concepções, práticas e desafios. In: **O educador virtual**. São Paulo: SENAC, 2004.

FRYER, W. Digital literacy now. **Tech learning**. Disponível em: <www.techlearning.com/article/2276>. Acesso em: 07/09/2010.

LIGOURI, L. As novas tecnologias da informação e comunicação no campo dos velhos problemas e desafios educacionais. In: LITWIN, E. (Org). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES, R. P. Um novo professor: novas funções e novas metáforas. In: **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005, p.33-55.

PAIVA, V. L. M O. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. In: **7º Encontro do CELSUL** (Centro de Estudos Lingüísticos do Sul), 2006, Pelotas. Programação e Resumos. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2006.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

WARSCHAUER, M. Technological change and the future of CALL. In: FOTOS, S; BROWN, C. (Eds.). **New perspectives on CALL for second and foreign language classrooms**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p. 15-26.